



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

GENICLÁUDIO BEZERRA MAGALHÃES

AS TRANSFORMAÇÕES DAS BODEGAS DE ALAGOA NOVA – PB

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

GENICLÁUDIO BEZERRA MAGALHÃES

AS TRANSFORMAÇÕES DAS BODEGAS DE ALAGOA NOVA – PB

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia, apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em História.

Orientador: Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira

CAMPINA GRANDE - PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M188t Magalhães, Geniclaúdio Bezerra
As transformações das bodegas de Alagoa Nova – PB
[manuscrito] / Geniclaúdio Bezerra Magalhães. - 2016.
50 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira,
Departamento de História".

1. Historiografia 2. Bodega 3. Comércio 4. Alagoa Nova -
Paraíba I. Título.

21. ed. CDD 907.2

GENICLÁUDIO BEZERRA MAGALHÃES

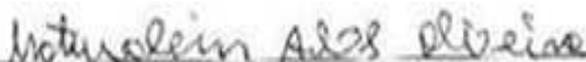
AS TRANSFORMAÇÕES DAS BODEGAS DE ALAGOA NOVA – PB

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia,
apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado(a) em História.

Orientador: Prof. Dr. Matusalém Alves Oliveira

Aprovado em: 31/05/2016.

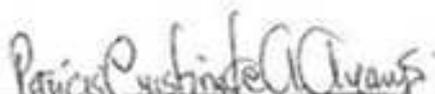
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. MATUSALÉM ALVES OLIVEIRA – (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. LUIRA FREIRE MONTEIRO (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO ARAÚJO (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a meu grande amor, minha filha Heloise Hemanuelle, que apesar de estar em minha vida há apenas 2 anos e 6 meses já me apresentou o grande sentido de estar vivo e, de lutar pela vida todos os dias, o amor de pai, te amo filha.

AGRADECIMENTOS

A minha avó, Terezinha Camilo, por ter me propiciado uma ótima educação, por ter me ensinado o caminho correto da vida, a minha grande companheira, esposa, Barbara, que há 12 anos está do meu lado, dando apoio em vários momentos, principalmente nos difíceis.

Agradeço também ao meu orientador, o professor Matusalém, que soube me orientar de forma eficaz e objetiva. E a banca composta nesse meu trabalho, que aceitou participar e que lançou suas observações, contribuindo ainda mais para o enriquecimento do nosso estudo.

Agradeço também a todos que colaboraram com a minha pesquisa, a professora Ana Lúcia de Aquino, mais conhecida como professora Lucinha e, a todos os entrevistados da minha pesquisa.

E, por último agradeço a Professora Maria José pelo enorme apoio que me ofereceu ao longo da minha pesquisa, fornecendo materiais para pesquisa e me dando sugestões, contribuindo de forma indireta para conclusão desse estudo.

RESUMO

Temos como por objetivo nesse trabalho, discutir e analisar a importância das bodegas de Alagoa Nova – PB, enquanto pequeno comércio popular, ao mesmo tempo, compreender as transformações ocorridas nesses espaços tendo em vista o surgimento de novas formas de comércio como as grandes redes de supermercado/atacado. Através de uma discussão teórica acerca da temática, aliada a essa discussão, coletamos narrativas dos antigos bodegueiros que se encontravam vivos, quando este já havia falecido, recorreremos ao seu respectivo parente, essas narrativas são fundamentais para um melhor entendimento do contexto da época, devido à escassez das fontes oficiais dessa época, no que diz respeito às bodegas. Para uma melhor compreensão do objeto de estudo utilizamos o método da oralidade, foram realizadas entrevistas com os antigos moradores e descendentes do município. Coletamos fatos econômicos, sociais, culturais e climáticos nas falas desses entrevistados o que contribuíram significativamente para realização da nossa narrativa.

Palavras-chave: Alagoa Nova. Bodega. Comércio.

ABSTRACT

We as intended in this work, discuss and analyze the importance of the New Alagoa bodegas - PB, while small popular trade at the same time, understand the changes occurring in these areas in view of the emergence of new forms of trade as the major networks supermarket / wholesale. Through a theoretical discussion on the theme, combined with this discussion, collect narratives of the ancient winemakers who were living when it had passed away, we turn to its respective parent, these narratives are fundamental for a better understanding of the context of the time because escassez the official sources of that time, with regard to the bodegas. For a better understanding of the subject matter we use the method of oral interviews were conducted with former residents and descendants of the municipality. We collect economic, social, cultural and climatic facts in the statements of those interviewed who contributed significantly to the realization of our narrative.

Keywords: Alagoa Nova. Bodega. Trade.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01: João da Bodega – O espaço interno da bodega.....	32
Figura 02: Merceria Santo Antônio – Faixada da Merceria.....	33
Figura 03: Merceria Santo Antônio – Espaço interno da Merceria.....	34
Figura 04: Bodega Chico Lima – Espaço interno da bodega.....	39
Figura 05: A bodega de seu Acácio – O Sr. Acácio em frente ao seu estabelecimento.....	45
Figura 06: A bodega de seu Acácio – Cliente sendo “despachado”.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A CIDADE E O COMÉRCIO, UM PASSADO QUE SE CONFUNDE	12
CAPÍTULO 2 - A NASCENTE DE ALAGOA NOVA, A LAGOA	18
2.1 PERFIL ECONÔMICO DE ALAGOA NOVA.....	23
CAPÍTULO 3 - AS BODEGAS DE ALAGOA NOVA: UMA HISTÓRIA ALÉM DO BALCÃO	28
3.1 BODEGA DE “JOÃO DA BODEGA”.....	30
3.2 ANTONIO SAMPAIO BORGES - MERCEARIA SANTO ANTÔNIO.....	33
3.3 FRANCISCO GALDINO DA SILVA (CHICO LIMA) - MERCEARIA SÃO FRANCISCO.....	37
3.4 BODEGA DE ANTÔNIO CABOCLO.....	40
3.5 ACÁCIO ANTÔNIO DINIZ - “BODEGA DE SEU ACÁCIO”.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

O lócus da nossa pesquisa é o município de Alagoa Nova que encontra-se localizado na Mesorregião do Agreste da Paraíba e na Microrregião do Brejo paraibano, possuindo uma área de 122 km², limita-se ao norte com os municípios de Esperança, Remígio e Areia; ao sul com Matinhas; a leste com Alagoa grande e a oeste com São Sebastião de Alagoa de Roça. A cidade situa-se a 28 km de Campina Grande, a 148 km da capital João Pessoa e de Brasília 2.626,6 km.

Temos como por objetivo nesse estudo, discutir e analisar a importância das bodegas de Alagoa Nova – PB, enquanto pequeno comércio popular, ao mesmo tempo, compreender as transformações ocorridas nesses espaços tendo em vista o surgimento de novas formas de comércio como as grandes redes de supermercado/atacado.

A pesquisa e a produção referente ao presente trabalho surgiram da necessidade de se ter algo registrado sobre a história dos pequenos estabelecimentos comerciais no município de Alagoa Nova - PB, as populares bodegas. O fato de se ter morado praticamente toda minha vida nesta cidade e ter as bodegas na vida de muitos cidadãos deste local, e o fato de não se ter nenhuma pesquisa sobre o tema, me despertou o interesse de deixar algo registrado sobre esses pequenos estabelecimentos, pequeno no tamanho, mas de tamanha importância. Outro fator que nos despertou pela temática diz respeito às mudanças ocorridas em torno desses estabelecimentos, que de início possuía formato e significância diferentes dos atuais.

Em termos estruturais, as famosas bodegas eram em sua maioria menores, mas, diferente do que se vê na atualidade, possuía mais gêneros à venda, foi justamente aí que surgiu um dos questionamentos norteadores da nossa pesquisa, o porquê de um tipo de estabelecimento comercial tão importante perder tanta força, se, ao contrário, poderia supor que sua evolução natural seria um desenvolvimento gradual, mas não é podemos visualizar na atualidade, onde existem poucos estabelecimentos desse tipo, sendo que os que existem atualmente não tem tanta representatividade nesta cidade.

Comprendemos que a cidade nos oferece várias interpretações, ela supõe disponibilidade de víveres. Por isso, a cidade é fundamentalmente lugar de confluência de poderes religiosos, poéticos econômicos; por isso é território de instituições especializadas (governo, templo, tribunal, presídio, escola, hospital), aonde se torna cada vez mais

obrigatório comparecer, por isso é sede de organizações militares. Essas características mostram a cidade como lugar de tensão.

Essas discussões vêm sendo motivo de análise no campo da história, analisando a cidade como um lugar de construção historiográfica, constituindo-se assim como objeto de pesquisa no campo da história. Isso decorreu com as ideias dos *Annales* que passaram a ter outro olhar com a história, alargando o seu campo de objeto e de fontes para estudar a história. No Brasil a questão das cidades ganhou uma notoriedade a partir da década de 1950, vinculada à problemática referente ao aspecto econômico e à mudança social.

Entendemos que toda cidade tem uma história, não nasce por acaso, ela se constrói a partir de um processo histórico que explica sua origem, suas metamorfoses ao longo do tempo. Para Carlos (2007): “a cidade tem uma origem histórica: nasce num determinado momento da história da humanidade e se constitui ao longo do processo histórico, assumindo formas e conteúdos diversos” (CARLOS, 2007, p.56-57).

Para uma melhor compreensão do objeto de estudo utilizamos o método da oralidade, foram realizadas entrevistas com os antigos moradores e descendentes do município. Coletamos fatos econômicos, sociais, culturais e climáticos nas falas desses entrevistados o que contribuíram significativamente para realização da nossa narrativa.

Desta forma, no nosso primeiro capítulo apresentamos uma abordagem teórica sobre as transformações da cidade, baseada na compreensão do historiador Jacques Le Goff, na obra “Por amor às cidades: Conversações com Jean Lebrun”. No segundo capítulo, apresentamos uma abordagem sobre o município de Alagoa Nova – PB, destacando da sua origem até uma abordagem econômica. Por fim, no nosso último capítulo, destacamos o nosso campo de pesquisa – as bodegas de Alagoa Nova, fundamentado através da história oral, com os atuais bodegueiros e parentes dos bodegueiros que já faleceram.

Por fim, entendemos que esse estudo traz uma contribuição para historiografia paraibana, uma forma de podemos observar a economia de uma determinada cidade através dos bodegueiros, além de observar as relações sociais que os mesmos promovia diante da sociedade local. As bodegas surgem no anseio de atender as necessidades básicas dos diversos grupos sociais, mas com ênfase para os menos favorecidos que, muitas vezes não dispendo de meios econômicos e culturais para consumir nos mercados modernos, optam por este peculiar tipo de comércio.

CAPÍTULO 1 – A CIDADE E O COMÉRCIO, UM PASSADO QUE SE CONFUNDE

A história da cidade, segundo Jacques Le Goff, (1998) começa a partir do século XI, ou seja, do período medieval europeu, este século é para o autor o grande período de urbanização na Europa Medieval, para ele foi

A partir do século X, mas principalmente do XI, é o grande período de urbanização – prefiro utilizar esse termo mais do que o de renascimento urbano, já que penso que, salvo exceção, não há continuidade entre Idade Média e a Antiguidade. (LE GOFF, 1998, p.16)

Em sua obra “Por amor às cidades” - Le Goff procura analisar o desenvolvimento das vilas naquele período, buscando demonstrar toda uma estrutura que ia se desenvolvendo na cidade e ao seu redor, diz o mesmo que as cidades daquele período tinham mais em comum com as cidades modernas do que com as da antiguidade. As cidades medievais já reuniam características muito semelhantes as das atuais, em suas estruturas já se procurava manter uma rede de serviços disponíveis, este traço é um dos aspectos que diferenciava o campo das cidades, uma vez que na cidade se procurava disponibilizar uma série de serviços aos seus habitantes, e um serviço que esteve muito presente nas atividades urbanas foi o comércio.

A prática do comércio está vivenciada entre os humanos há muito tempo, esta se intensificou com a formação dos centros urbanos, mais especificamente após o século XI na Europa. O comércio contribuiu significativamente na formação e cristalização das conhecidas cidades atuais, aquele era inicialmente proibido de ser praticado nos centros das vilas medievais, diferentemente do que vemos hoje e, era levado para as partes periféricas criando raízes profundas e longas, chegando com o tempo a se estender até aos centros das cidades.

Uma característica diferencial das cidades surgida na Idade Média das atuais condiz ao fato de que hoje nas cidades a parte periférica apresenta um valor elevado devido aos altos investimentos de grandes empresas que preferem se instalar ao redor da cidade, o que de certa forma encarece o valor dos terrenos nesses lugares, já nas cidades medievais as partes periféricas das cidades não tinham tanto valor como atualmente.

As classes privilegiadas do período medieval davam preferência à parte central da cidade, no entanto com o passar do tempo às partes periféricas começam a ganhar mais valor, pois são nesses lugares que muitas atividades, a exemplo da comercial se desenvolve. As práticas do comércio surgidas nesses locais foram importantes na valorização que esses espaços vieram a ganhar, Le Goff, afirma que “a riqueza se cria de um modo ainda mais brutal na cidade, com os mercadores, os burgueses, o comércio”. (LE GOFF, 1998, p.18).

Com o passar do tempo às atividades desenvolvidas por pessoas comuns nas partes periféricas das cidades medievais vão contribuindo para a concretização de uma nova dinâmica. As periferias deixam de prestar serviços meramente secundários e passam a potencializar a dinâmica urbana, todas as atividades proibidas de serem praticadas nos centros eram levadas para os subúrbios, e nesses locais desenvolveram-se várias outras que veio possibilitar à cidade medieval um incremento estrutural, pois a demanda social já nesse período e foi graças às atividades nos subúrbios das cidades que as necessidades da população foram atendidas, desta forma tanto o comércio como a população da cidade se beneficiavam.

Aos poucos as cidades medievais vão apresentando suas funções a quem vai chegando, possibilitando a estes, benefícios extremamente novos. As feiras e o mercado, por exemplo, já oferecia neste momento condições de troca e modernizações. A palavra função é um adjetivo pertinente à cidade desde o início do século XI, período que para Jacques Le Goff (1998) é um referencial para se analisar a estrutura da cidade, pois este adjetivo consegue elementar vários serviços que a cidade oferece e almeja oferecer, isto provoca um certo encanto em quem adentra os muros dela, e até em quem apenas houve falar neste espaço.

Para se entender a dinâmica que a cidade desde o seu surgimento apresenta, se faz necessário fazer uma abordagem do alicerce, ou seja, de sua base. Normalmente se perguntado a alguém de onde parte a potencialização, as relações mais sociáveis de uma cidade, muitos irão atribuir aos centros urbanos, no entanto é preciso destacar a importância que os subúrbios tiveram na edificação estrutural que as cidades vieram a apresentar.

Toda atividade classificada como proibida no início do século XI no período medieval europeu era levada para as partes periféricas das cidades, pois os centros já estavam bem abastecidos, onde as classes privilegiadas da sociedade tinham acesso a tudo que queriam, uma alternativa para os menos assistidos era levar ao subúrbio da cidade estas atividades.

A cidade se diferenciava muito neste ponto em relação ao campo, pois no campo estas atividades praticadas na cidade não tinha sentido de existir, uma vez que quase tudo que os camponeses precisavam encontravam no campo e o que não tinha em seu espaço adquiria de outros lugares através de uma relação de troca, e não de compra, o que de certa forma não potencializava as relações comerciais engendradas pelo o dinheiro, segundo Le Goff

O fundamental é que se tem muito mais necessidade de dinheiro na cidade do que no campo. Primeiro, porque muito raramente o camponês é levado a comprar coisas para as quais precisa de moeda. De outro modo, as somas, os valores em questão são muito menores do que na cidade, onde os gastos, muitas vezes ostentatórios, quer se trate de casas, aluguéis, alimentação, vestuário, exigem mais uso de dinheiro. (LE GOFF, 1998, p.36)

As funções das cidades iam além de ofertas de serviços, a prática e efetivação do trabalho nesses ambientes foram demasiadamente praticados. A oferta de mão de obra era já nesse período grande, e quem disponibilizava do trabalho agia de forma arbitrária sobre quem se disponibilizava como mão de obra, isso era marcante na vida de pessoas simples que tiveram que se renderem as exigências da configuração social que se desenhava aos poucos.

Havia certa legitimação desses parâmetros, pois o trabalho era valorizado tido como útil e, cada personagem social integrava um papel nesta rede, todos, sem exceção, assumia um papel, até mesmo o mendigo era visto como algo positivo à sociedade, pois este abria possibilidade para a salvação do doador, estamos diante da edificação de uma sociedade onde todos que integram o seu plano de fundo é responsável por uma mínima parcela que seja, ninguém fica sem fazer nada, cada um tem papel determinado.

Até mesmo as formas comportamentais são aspectos diferenciadores de grupos integrantes da cidade, a linguagem, por exemplo, é um diferenciador entre os grupos, existe pra cada grupo uma maneira de linguagem, e isto é que os diferencia um do outro, segundo Jacques Le Goff

Contudo, a língua da cidade vai trazer dois tipos de inovação muito importantes. De um lado, a linguagem dos artesãos, a linguagem dos mercadores, e, de outro, a linguagem sobre a qual Bakhtin insistiu, a da praça pública. (LE GOFF, 1998, p.60)

A rede urbana gradativamente vai edificando seu espaço e trilhando seu caminho, tendo como impulsão as relações sociais que se dinamizam neste espaço, que veio ignorar a vida pacata do campo e impor uma nova organização, exigindo dos seus agentes um empenho delimitador das funções que cada um deve assumir.

Este novo espaço que a Idade Média europeia é mãe, é geradora não apenas do bem, mas também de problemas sociais e econômicos. Problemas de seguranças, desempregos e de saúde passam a serem recorrentes na vida dos habitantes desses locais. A prática do roubo passa a ser constante, fato este que mais tarde daria enredo para muitas histórias como a de Robin Hood, personagem que representa um fator social marcante de seu tempo. Nas histórias, Robin Hood é apresentado como um sujeito sensível com os problemas sociais do seu povo que sofrem devido as desigualdades, as injustiças praticadas por quem detinha o poder, que como resposta roubava dos ricos e redistribuía entre os pobres, isso com a ajuda de alguns comparsas.

Estes fatores sociais somados a outros foram prejudiciais ao ambiente urbano medieval, a doença particularmente assolou a população em fins do século XIV, “com a peste negra, a partir de meados do século XIV o medo do contágio torna-se então um pânico” (LE GOFF, 1998, p.83). Mas, as estruturas urbanas medievais superaram essas mazelas sociais, pessoas simples conseguiram empreender forças nessa nova constituição espacial. Foram os cidadãos simples que fundamentaram a estrutura da cidade, essas pessoas foram o alicerce desse novo espaço, já dizia Jacques Le Goff que “uma cidade não é constituída de pedras, mas de homens, de cidadãos”. (LE GOFF, 1998, p.84).

No entanto, é na cidade que fica perceptível a desigualdade existente entre a população que compõe o cenário urbano, a começar pelos comerciais que eram proibidas inicialmente de serem praticadas nos centros urbanos e eram levadas para os subúrbios, mas o ar de liberdade que na cidade prolifera possibilitou o fortalecimento das pessoas simples, um exemplo disso ocorre com o comércio que ocasionou um movimento novo para a época, o movimento comunal, que chegou há dividir o destaque na sociedade medieval com os bispos e senhores. Aos poucos vai surgindo uma nova classe social detentora de grandes poderes, a classe dos comerciantes.

A partir desse momento essa nova classe se torna determinante para os rumos que a sociedade europeia viria presenciar. É com as práticas comerciais que surgem a classe da burguesia, uma nova classe social detentora de poderes que impulsionou o renascimento

urbano e comercial abrindo o Mediterrâneo e contribuindo para o enfraquecimento do sistema Feudal, e fortalecendo o sistema capitalista.

Cidades como Gênova e Veneza na Itália vão se destacando no comércio, o Mediterrâneo se torna para essas duas cidades o palco de comercialização e, é através do comércio que essas duas cidades se desenvolvem rapidamente, assim o comércio gradativamente foi se tornando em uma prática ampla, deixando de ser praticada apenas nos subúrbios das cidades, esta atividade rompeu os muros das cidades e determinou um novo rumo para a economia europeia em fins da Idade Média, Jacques Le Goff

O chamado movimento dito comunal está estreitamente ligado à renovação do comércio. Em particular do comércio que tem grande raio de ação, aquele que se pratica entre a Europa do Norte e a do Sul, entre a Itália e as Flandres, por exemplo, ou na Alemanha; às vezes mais longe, no Mediterrâneo, até o mundo muçumano. (LE GOFF, 1998, p.98).

Esse novo cenário começou a ser organizado pelas autoridades competentes uma vez que os lucros gerados pelo comércio iam aumentando muito com o passar do tempo, pois o comércio em fins da Idade Média já se mostrava uma atividade rentável e próspera e, desta forma era preciso segundo a ótica das autoridades competentes taxarem a arrecadação de impostos sobre o comércio.

Os abusos tributários sobre essas já existiam e, era preciso que se criassem leis para evitar esses abusos, pois segundo os comerciantes as arrecadações deveriam ser proporcional aos lucros, e não era isso que ocorria nas cidades medievais, onde os abusos tributários eram gritantes, Jacques Le Goff, “Essa oposição impôs ao delfim regente o grande decreto de 1357, que exige o controle dos impostos reais pelos Estados, a destituição dos conselheiros reais e a instauração de um conselho para controlar o delfim” (LE GOFF, 1998, p.105).

É devido ao comércio que surge nas cidades protestos contra as autoridades, como o rei que agia na arbitrariedade, cobrando os valores de impostos sobre o comércio a seu critério o que gerou insatisfação dos burgueses que como alternativa, para se fortalecer incitou a população contra as autoridades reais. A burguesia era a favor do contrato comunal e para isso não mediu esforços. Era nítida a prática de corrupção nas cidades medievais, isso devido a política fiscal existente e a usura.

Todas essas configurações sociais foram se tornando frequente devido a um novo cenário que a sociedade europeia do momento vai experimentando, isso devido à abertura que muitas autoridades passaram a empreender. De prática proibida nos centros urbanos, a atividade comercial passa a ser permitida em fins do século XIV, no entanto passou a ser cobrados impostos sobre essas comercializações, muitas vezes os valores ultrapassavam a margem dos lucros, gerando insatisfação e revolta por parte dos comerciantes.

É nesse novo cenário que a cidade vai retomando seu lugar espacial, é uma mescla de permanência e transitoriedade, aonde nova aspectos vão sendo somados aos já existentes, novos estilos arquitetônicos vão surgindo a exemplo do gótico, que é uma mistura da arte romana antiga com a bárbara, a soma destas vão possibilitar às cidade medievais novos aspectos, mas no entanto valorizando traços antigos, segundo Jacques Le Goff “A arte gótica e a escolástica das novas escolas urbanas estabelecem, como norma de urbanismo, ordem e luz, matemática e razão, cor e verticalidade” (LE GOFF, 1998, p.114).

A cidade que antes era vista como um espaço de inseguranças, de refúgios, aos poucos se torna num local seguro para os habitantes que nela vive, não só as elites, mas também os pobres, assim os ares das cidades medievais vai suplantando o clima de insegurança e, se torna adequado às práticas comerciais e, em contrapartida o campo fica a margem da cidade que passa a ser o destaque social. A cidade passa a ser vista como um local propício das ações humanas, pois esta passa a oferecer serviços diversos a exemplo de escola, arte, teatro, etc.

A partir desse momento as cidades passam a experimentarem novas experiências, assumindo a condição de centro de poder, hoje as cidades procura manter vários serviços, como em transportes, meios de telecomunicações, hotelaria, restaurantes, em fim a cidade procura se destacar através de seus serviços, tendo no campo apenas um fornecedor de algumas matérias de alguns bens de consumo, mas o centro de poder deve se localizar na cidade. E muitas cidades atuais condicionaram aos seus centros o papel de antigo, servindo como cidade-museu, ficando restrito ao imaginário.

CAPÍTULO 2 - A NASCENTE DE ALAGOA NOVA, A LAGOA

Alagoa Nova fica localizada na Mesorregião do Agreste da Paraíba e na Microrregião do Brejo paraibano, possuindo uma área de 122 km², limita-se ao norte com os municípios de Esperança, Remígio e Areia; ao sul com Matinhas; a leste com Alagoa grande e a oeste com São Sebastião de Alagoa de Roça. A cidade situa-se a 28 km de Campina Grande, a 148 km da capital João Pessoa e de Brasília 2.626,6 km.

O município possui uma topografia acidentada, porém são solos úmidos e férteis, com presença de inúmeras nascente e pequeno manancial perene, propícia para a plantação de feijão, milho, mandioca, batata-doce e diversas fruteiras, principalmente laranjeira e bananeira. Alagoa Nova possui uma população estimada em 20.294 habitantes (IBGE/2013). A organização social do povo se dá através de órgão como associações comunitárias rurais e urbanas, Sindicatos, Cooperativas, ONGs, entre outros. O clima é do tipo quente e úmido com temperaturas que oscilam entre 18°C e 32°C e com média de 25°C.

Entendemos que no Brasil, ao longo do século XX se assistiu um alto grau de desenvolvimento urbano, isso devido a uma série de fatores, mas com certeza a possibilidade de se praticar o comércio de forma acentuada na cidade contribuiu muito para o processo de urbanização, pois o comércio se apresentava como uma das funções da cidade, o que acabava atraindo cada vez mais pessoas do campo em sua direção.

Após a década de 1920, o Brasil passou por mudanças significativas, principalmente no que diz respeito a sua espacialidade. A partir desse momento, as cidades brasileiras passaram a receber uma quantificação de pessoas nunca vista antes, o campo, gradativamente, vai deixando de ser o alvo de moradia e de trabalho de grande parcela da população brasileira, que via na cidade uma alternativa de vida melhor.

No início da década de 1950, mediante as medidas políticas no governo de Juscelino Kubitschek, o Brasil presenciou novas mudanças, uma vez que o processo de urbanização iniciado na década de 1920 e, agora intensificado na década de 1950, veio alterar de vez a ordem espacial brasileira. O chamado êxodo rural se tornou palavra frequente no vocabulário brasileiro, pois o movimento de pessoas saindo do campo em direção às cidades passou a ser intenso.

Os habitantes do campo viam a cidade como uma possibilidade de obtenção de uma vida melhor, pois as cidades daquele momento já reuniam uma série de serviços, a exemplo de energia elétrica, água e esgotos, pavimentação, estradas, equipamentos transmissores de informação, transportes coletivos, escolas, hospitais, comércio e outros serviços. Somando a isto, outros fatores contribuíram na escolha das pessoas, tanto no início da década de 1920, 1950.

Após 1970, onde o processo de urbanização já estava quase que consolidado, uma vez que no campo as condições de vida eram precária devido a uma herança de uma estrutura fundiária bastante concentrada, dos baixos salários, da falta de apoio aos pequenos agricultores, do arcaísmo, das técnicas de cultivo, etc.

Neste sentido, podemos constatar o quanto o comércio foi e é importante quando traçamos um olhar sobre a história de algumas cidades brasileiras a exemplo de Campina Grande/PB, que teve seu processo de desenvolvimento urbano atrelado às práticas do comércio, pois esta servia de ponto de ligação entre o Sertão e o Litoral paraibano. Os tropeiros foram símbolo desse período em Campina Grande, onde estes foram peças fundamentais no processo de formação da mesma, para Oliveira (2007)

(...) Assim, as terras referentes á atual cidade de Campina Grande passa a ser intermédio dos tropeiros que vinham do litoral com suas boiadas em direção ao sertão, estabelecendo-se um comércio e pousada para os viajantes, tornando-se um pequeno pólo comercial com as vendas de gados como também produtos alimentícios. Não podemos desconsiderar que a importância de Campina Grande em escala regional deve-se em grande parte à sua localização estratégica entre litoral e sertão (OLIVEIRA, 2007, p.17).

Este processo de transformações ocorrido em muitas cidades brasileiras a exemplo da mencionada a cima, também é condizente com o da cidade de Alagoa Nova - PB, pois aqui os processos de transformação espacial também se deram através de atividades comerciais, uma vez que desde o momento da colonização pelos portugueses, Alagoa Nova se mostrou eficaz a estas atividades e, que os tropeiros se fizeram também presente neste local.

A cidade de Alagoa Nova, conta hoje com uma lagoa que serve como cartão postal, neste mesmo local no ano de 1778 esta lagoa era de fundamental importância, onde tropeiros que viam do Sertão em direção a capital paravam ali para reabastecer e repousar. Foi neste local que se desenvolveu um aglomerado de casas, possibilitando a estes viajantes um ponto de parada e de reabastecimento importante.

A origem dessa cidade remete ao século XVII quando da chegada dos exploradores portugueses. O ano é de 1641 quando um grupo de 113 homens liderado por Elias Herkman, governador da Paraíba durante o período holandês, seguiram roteiros de outros exploradores que saíam de Mamanguape com objetivos de encontrar ouro. Chegam até uma região habitada por nativos conhecidos por Bultrins, no entanto o grupo teve que retornar, pois não conseguiram encontrar as tão sonhadas jazidas.

Após a saída dos exploradores portugueses veio um grupo de missionários com objetivos catequéticos, orientados por um guia conhecedor da região, tiveram que caminhar um longo percurso, enfrentando o sertão desconhecido. Quando os missionários chegam encontram nativos da tribo Bultrins da nação Cariris, esses nativos foram peças fundamentais para a formação do que hoje se conhece por Alagoa Nova. Não se sabe ao certo a ordem desses missionários nem os nomes dos frades, alguns autores admitem dizer que eram sacerdotes, como Jaboatão, já Maximiano Machado admite a possibilidade da interferência de padres da Companhia de Jesus no aldeamento dos Bultrins, esses missionários enfrentavam diversas dificuldades físicas e do meio, como a fome e a falta de caminhos.

A presença destes missionários contribuiu para que as terras do aldeamento dos Bultrins vinhesse a ser ocupada novamente pelos exploradores portugueses que desta vez tiveram pretensões diferentes, queriam implantar a prática da agricultura de subsistência, pois perceberam o quanto a região era propícia a essa atividade, pois as terras eram férteis, e isso é relatado por alguns autores como Andrade (1998) que faziam referência a região

[...] geralmente de altitude elevada e expostos aos ventos úmidos do Sudeste, surgem os brejos que apresentam condições de umidade e pluviometria semelhantes às da “Zona da Mata”, ao lado de temperaturas, devido à altitude, bem mais amenas do que as desta região, fazendo com que se desenvolva uma organização do espaço baseada na agricultura. (ANDRADE, 1998, p. 43).

Os exploradores não tardaram de providenciar a ocupação do território, no entanto encontraram resistência por parte dos nativos Bultrins que ao verem seu território ser invadido e ocupado forçou uma resistência, sem sucesso. Fato é que os exploradores conseguiram dominar e explorar a mão-de-obra nativa em prol de seus objetivos. A mão-de-obra nativa se somou com a africana, ambas foram peças fundamentais para a prática da agricultura no aldeamento dos Bultrins. O explorador branco fez duras investidas, no entanto os nativos

resistiram, chegando a se organizar em federação. Como resultado desse conflito entre exploradores e nativos houve um saldo muito grande de mortes da nação local, sendo reduzida drasticamente.

O aldeamento dos nativos Bultrins em meados do século XVIII, já se encontrava na conjuntura administrativa em que o Brasil foi submetido. O Tratado de Tordesilhas firmado entre Portugal e Espanha em 1494, delimitando e dividindo a Terra, ficando à Espanha as terras a Oeste e a Portugal as terras a Leste, seriam estas divisões que daria feições particulares ao território de Alagoa Nova séculos mais tarde.

Esse evento determinou mudanças significativas para Alagoa Nova uma vez que suas terras, assim como em grande parte do Brasil, foi subdividida administrativamente. Uma divisão maior foi à formação das Capitânicas hereditárias, que seriam uma espécie de Estados atuais, no entanto esses “Estados” sofreram uma nova divisão, as sesmarias, essas seriam hoje os conhecidos sítios tão populares e abundantes em Alagoa Nova, tais como Bacupari, Preguiçoso, dentre outros.

O sistema de sesmaria se mostrou eficaz em Alagoa Nova a partir do momento em que o governador Francisco Xavier de Miranda Henrique, aprova o requerimento de Maria Tavares Leitão e seu filho, o alferes José de Abreu Tranca, estes tratam de dar todas as condições para que as práticas da agricultura lhes trouxessem retorno financeiro, para isso foram implantadas culturas agrícolas como mandioca, milho, feijão, e como mão-de-obra utilizam os nativos e escravos vindos da África. Em fins do século XVIII a produção da farinha de mandioca obteve grande destaque, onde de acordo com Epaminondas Câmara, o período poderia ser denominado como a ‘civilização da farinha’, e gradativamente a sesmaria vai se destacando administrativo e economicamente, dando destaque a José de Abreu Tranca que veio a falecer em 1798.

Um aspecto marcante para história de Alagoa Nova é datado no ano de 1778, quando um local estratégico passou a servir como ponto de reabastecimento e de pouso para os que buscavam produtos na região, fato semelhante ocorria na Vila Nova da Rainha, hoje Campina Grande, onde tropeiros que viam do Sertão em direção a capital paravam ali para reabastecer e pousar, desta forma a Vila Nova da Rainha teve e, continua tendo grande destaque na economia regional.

Em Alagoa Nova não foi diferente, pois este lugar se tornou ponto obrigatório de passagem e parada, uma vez que a região oferecia condições para os viajantes que viam do sertão, estes reabasteciam e pousavam antes de continuar sua viagem para as regiões próximas. Isso foi possível graças há um povoamento localizado às margens de uma lagoa, que hoje é o cartão postal da cidade, a lagoa. Já existia na cidade desde o século XVIII uma lagoa que possibilitou o surgimento de casas ao seu redor ao ponto de formar um pequeno povoado.

A partir desse momento o aldeamento viria a conhecer mudanças significativas e, em 1790 o povoado passou a distrito da Vila Nova da Rainha (atual Campina Grande), mas este fato não tirou a condição de ponto de apoio e reabastecimento que o povoado edificava cada vez mais, pois a região que compreendia este povoado, Alagoa Grande, Areia e Campina Grande eram ligadas por estradas carroçáveis, onde em tempos chuvosos se formavam muitos atoleiros e os terrenos ficavam muito escorregadios o que dificultava a comunicação entre estas regiões e, uma alternativa para os mensageiros que transportavam os malotes dos correios da capital até Campina Grande era pernoitar em Alagoa Nova às margens da lagoa.

Em 1837 o povoado foi elevado à categoria de Distrito de Paz, ficando nesta condição até 1850 quando a lei provincial nº 10 de 05/09/1850 elevou o povoado a categoria de vila, mas a instalação só veio a se concretizar no dia 27/02/1851, este fato marcou o desmembramento do povoado, deixando de pertencer a Vila Nova da Rainha. Alagoa Nova começa a vivenciar uma fase de estabilidade, principalmente econômica, pois parte desse período a introdução da cultura do café e da cana-de-açúcar, que veio a se somar com a produção do fumo e do algodão.

Os colonizadores não estavam enganados quanto a potencialidades da terra que almejavam ocupar, um grande exemplo de rentabilidade e sucesso econômico foi a produção do café, chegando a render até títulos a grandes oligarquias, a exemplo dos senhores Patrício Freire Mariz Maracajá e Antônio de Brito Lira. Nesse momento registrava cerca de 6.975 habitantes, sendo 5.951 pessoas livres e 1.024 escravos, estes eram a principal mão-de-obra usada na agricultura.

O primeiro censo demográfico feito no Brasil só veio a acontecer em 1872 através do IHGB, e em Alagoa Nova foi registrada a quantidade de 12.593 pessoas, sendo 11.904 pessoas livres e 689 escravos, e em 1886 a escravidão foi abolida em Alagoa Nova antes mesmo da lei áurea de 1888.

Muito se perdeu em termos históricos da cidade de Alagoa Nova, documentos de ordem política, econômico, social, cultural foram queimados, restou nada ou quase nada do período anterior há 1874, pois grande parte da história do município se encontrava arquivados nas repartições que os revoltosos invadiram, hoje poderia se conhecer bem mais da história de Alagoa Nova se não fosse este acontecimento.

Em fins do século XIX o Brasil estava passando por transformações, principalmente de ordem política e, em Alagoa Nova não foi diferente. Com a Proclamação da República em 1889 a câmara municipal de Alagoa Nova foi extinta passando a denominar-se Intendência Municipal, onde a partir desse momento os membros desta eram nomeados pelo o Governador do Estado, e em 1895 foi criado o cargo de Prefeito Municipal, Gervácio Fernandes Bonavides foi o primeiro prefeito eleito.

Assim, devido a essas mudanças os comerciantes passaram a serem obrigados a pedirem autorização à Intendência para continuarem com os seus negócios. Mas, dentro da conjuntura política houve certo retrocesso, pois Alagoa Nova viria a pertencer novamente a Campina Grande, isso foi determinado através do decreto de lei nº 157 de 05/06/1900, ficando dependente de Campina Grande até 1904, quando o decreto de lei nº 215 de 10/11/1904 desmembrou definitivamente o município de Alagoa Nova do de Campina Grande. O nome do município viria a ser alterado novamente em 1938 para Laranjeiras ficando com esse nome até 1943, quando o decreto-lei nº 520 de 30 de dezembro de 1943 restabeleceu as antigas denominações.

2.1 PERFIL ECONÔMICO DE ALAGOA NOVA

Economicamente Alagoa Nova desde sua ocupação pelos exploradores portugueses no século XVII se mostrou dinâmica, com uma economia voltada para a cultura do feijão, do milho, da fava e da batata doce. Outras culturas foram decisivas para que o povoado tivesse destaque econômico, foi introduzido em seu território o plantio da mandioca e do café essas duas culturas junto com a cana-de-açúcar deram um impulso significativo na economia local.

Desde o momento da condição de povoado Alagoa Nova desempenhava um papel fundamental interligando a regiões. Nessa época o sertão padecia com a falta de alimentos e,

uma alternativa viável foi manter Alagoa Nova como fornecedora de produtos, visto que o meio era a favor à agricultura, uma vez que a mesma tinha solos férteis e chuvas regulares. A produção da farinha teve grande destaque no século XIX, Alagoa Nova era considerada um centro produtor de farinha se instalando aí indústrias de farinha, as populares casas de farinhas.

Mas o desenvolvimento se deu de forma lenta devido à falta de dinheiro somado as dificuldades de locomoção uma vez que as estradas eram precárias, isso fez despertar o interesse dos donos de terra em implantar outras culturas para melhorar a economia. Investiu-se na cultura da cana-de-açúcar junta com o cultivo do algodão e do café, esse evento trouxe grandes contribuições positivas para a economia local.

Inicialmente foi com a cana-de-açúcar que a cidade vivenciou um avanço econômico já em meados do século XVIII com a construção de engenhos de cana-de-açúcar e, não foram poucos os engenhos construídos, já no século XIX era grande a quantidade de engenhos existente em Alagoa Nova, José Borges de Sales (p. 65-66) em terras foreiras da sesmaria dos Bultrins funcionavam, em 1888, os engenhos: Geraldo, Olho d'Água do Arnau, Bonito, Queira Deus e o Verde.

Muitos engenhos até hoje estão em pleno funcionamento, produzindo cachaça, aguardente, combustível, rapadura, etc. e, alguns foram desativados, fato é que a cultura da cana-de-açúcar desempenhou papel fundamental na economia de Alagoa Nova, pois a cultura da cana-de-açúcar proporcionou estabilidade econômica para muitos proprietários de terras que ao investirem na plantação dessa cultura obteve rentabilidades chegando até a serem reconhecidos como senhores de engenho.

Já em fins do século XIX o Brasil estava passando por transformações intensas, a exemplo da abolição da escravatura e conseqüentemente da introdução da mão-de-obra estrangeira e, nesta fase houve uma abertura para a potencialização da cultura do café, e em Alagoa Nova o plantio deste surtiu resultados significativos chegando até a render títulos aos seus produtores. O café se adaptou bem ao local devido à umidade da região do Brejo ser semelhante a do sudeste paulista e passou a contribuir para a riqueza do município.

Em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX o café teve grande destaque na economia de Alagoa Nova, o seu auge vai até 1925, a partir desse momento a plantação foi dizimada pela praga do *Cerococus parachibensis*. A produção cafeeira foi

brilhante no município de Alagoa Nova e em regiões adjacentes, “[...] sua trajetória foi rápida e brilhante; [...] formou-se aí uma aristocracia do café, com coronéis, comendador e até um barão _ o de Araruna. A pequena cidade teve igreja grande e bem construída, colégios, jornais e comércio movimentado” (ANDRADE, 1998, p. 163).

Desde o momento de sua ocupação no século XVII Alagoa Nova vivenciou intensos movimentos de pessoas e mercadorias, no entanto um fator negativo se fez presente, as más condições de locomoção, isso porque devido ao relevo montanhoso e a falta de estradas o que dificultava o acesso e escoamento de mercadoria no território. O amanhecer do século XX, depois de muitos anos depois de sua ocupação, trouxe um ar diferente para Alagoa Nova, novidades vindas de toda parte do mundo despertou o desejo da população pelo o progresso e, isso era possível através de inovações tecnológicas, coisa que a Europa já estava vivenciando desde o século XVIII com o advento da Revolução Industrial, estamos falando de invenção como o trem que no século XX representava para o Brasil um salto no desenvolvimento.

E todo esse clima de progresso que o mundo há alguns anos já vivenciara, Alagoa Nova veio sentir apenas no início do século XX, era uma experiência ímpar que iria trazer resultados significativos para a economia local. E não tardaram a aparecer características de que isso viria a acontecer, pois havia muitos rumores por parte da população, alimentada pela construção de trilhos de linhas férreas. A efetividade dessa realidade iria trazer grandes contribuições para o desenvolvimento do município, seria a concretização da modernização tão esperada pela população. E de fato havia a iniciativa do governo federal para a construção das estradas de ferro uma vez que existia um projeto “obras contra as secas”, que ia além destas construções, como também construção de barragens, rodagens, pois o momento pedia isso.

Porém, alguns problemas de ordem política e econômica prejudicaram o desenvolvimento de Alagoa Nova. A construção dessas obras representava o poder para quem fosse contemplado pela construção passando pela sua propriedade, ou seja, existia todo um interesse particular rondando esse ambiente de transformações que deveria vir a favorecer ao público em geral, que, no entanto veio na Paraíba, e em outros estados só aumentar o poder de quem já tinha. Segundo Aranha (2006)

No Norte, por exemplo, eram visíveis certos interesses individuais e/ou classistas voltados para as cobiçadas estradas de ferro: dos exportadores de açúcar e/ou

algodão, que esperavam ver barreteado o custo do transporte visando um aumento em sua margem de lucro; de proprietários rurais, que vislumbravam a valorização de suas terras ou uma vultuosa indenização por parte dos contratantes das ferrovias; das companhias ferroviárias ou dos próprios empreiteiros que orçavam ou contratavam o custo quilométrico por um preço, quando na verdade, sabiam que podiam ser realizados por preço inferior, de certos políticos, que tiravam proveito eleitoral ao se apresentarem como realizadores dos “benefícios”; dos concessionários, que ganhavam prestígio na qualidade de idealizadores dos projetos ferroviários e faturavam vultuosas quantias ao venderem os direitos de suas respectivas concessões aos capitalistas interessados; dos partidos políticos, que transformavam as estradas de ferro, conforme o Gabinete de plantão, em gabinetes de emprego etc. (ARANHA, 2006, p. 131).

E devido a esses entraves Alagoa Nova não chegou a vivenciar esse ambiente moderno que outros lugares da Paraíba, a exemplo de Campina Grande que em 1907 vivencia essa experiência com a chegada do trem, mas em Alagoa Nova essa realidade não chegou a se concretizar, ficando apenas no imaginário local. Através de um relato retirado da dissertação de mestrado em História de Luiz Carlos dos Santos (2012) de um morador popular podemos perceber o ambiente que Alagoa Nova respirava na época, Segundo o depoente Alípio Bezerra de Melo

Com relação à passagem do trem por Alagoa Nova mudaria muita coisa, principalmente naquela época que tinha poucos meios de transportes. Olha ainda hoje no quinze tem vários recorte que indicam por onde ia passar o trem, talvez não chegasse a passar pelo centro da cidade, mas passaria nas proximidades e isso ia chamar a atenção, a cidade ia estender, aumentar o seu comércio. Naquela época existiam muitos engenhos produzindo rapadura, aguardente, a região também produzia bastante frutas, eram muitas fruteiras: manga, banana, caju e outras. Tudo isso era carregado através de tropas de animais, de burros daqui ia para o Sertão e para isso havia o desejo de estrada de ferro, era incomparável o benefício dessa construção para o escoamento dessa produção” (SANTOS, 2012, p.56).

Em Alagoa Nova toda essa efervescência moderna surgida no início do século XX alimentou a possibilidade da implantação do trem o que viria a contribuir para o desenvolvimento local, mas os entraves citados acima impediram essa concretização ficando apenas restrito a um ambiente individual, o sonho, “para a decepção geral dos alagoanovenses, a linha do trem chegou bem próximo, chegou as “portas” da cidade e, no entanto, ficou apenas no desejo, uma espécie de trem “fantasma” que saiu do nada para lugar nenhum” (SANTOS, 2012, p. 59).

Um fato inovador para a economia de Alagoa Nova vem ocorrer no ano de 2000 quando uma fábrica de calçados se instala na cidade. A fábrica satélite de calçados São Paulo

Alpargatas ao se instalar na cidade proporcionando um aumento no desenvolvimento econômico, visto que passou a empregar muitos trabalhadores, e já no ano de 2008 a empresa tinha em seu quadro de funcionários um total de 300 trabalhadores, todos da cidade, impulsionando o desenvolvimento local.

Os calçados produzidos nesta unidade instalada em Alagoa Nova quase sua maioria são para o mercado externo, a exemplo da União Europeia, Estados Unidos, entre outros. Esta novidade para Alagoa Nova proporcionou muito mais que uma melhoria econômica para a cidade, passou a representar para muitos alagoa-novenses um meio de estabilização, evitando a saída de muitos para outras partes do país em busca de melhores condições de vida, uma vez que muitos engenhos, ou faliram, ou perderam sua força, enfraquecendo a economia local e, com a chegada da fábrica São Paulo Alpargatas a economia voltou a trilhar seu caminho fomentado o comércio local.

E atualmente um aspecto novo e inovador vêm tomando conta do espaço econômico da cidade de Alagoa Nova, o turismo e o ecoturismo. Temas considerados novos para o município, mas que apesar do pouco tempo de sua prática já consolidou raízes nesse espaço do Brejo paraibano, assim como podemos observar no trabalho de conclusão de curso de Valdir Martins da Silva (2013,), onde o mesmo destaca que:

O ecoturismo e o turismo rural são formas de turismo alternativo no meio rural, onde com o objetivo de explorar de maneira sustentável e com rentabilidade, respeitando as leis ambientais interferindo o mínimo possível no mesmo, comprometendo parcialmente os recursos naturais aí disponíveis. (SILVA, 2013, p.22)

Com essa prática no município de Alagoa Nova a economia local ganhou um novo gás. Foram traçados Roteiros turísticos a exemplo do Roteiro Caminhos dos Engenhos a nível regional, envolvendo Alagoa, Paraíba e Pernambuco. Outro roteiro que vem ganhando destaque ano após anos é o Roteiro Turístico Caminhos do Frio – Rota Cultural que envolve além de Alagoa Nova a cidade de Bananeiras, Areia, Alagoa Grande, Serraria e Pilões, estes roteiros tem por objetivo permitir ao turista uma viagem há algumas décadas ou séculos no tempo passado para entender a história da formação socioeconômica dos ciclos da produção agrária.

CAPÍTULO 3 - AS BODEGAS DE ALAGOA NOVA: UMA HISTÓRIA ALÉM DO BALCÃO

Para uma compreensão significativa deste estudo utilizamos do método da oralidade, entrevistando alguns bodegueiros da cidade de Alagoa Nova, nossa compreensão sobre o método da oralidade é pautada em Meihy (2000) quando diz que a história oral pura trabalha apenas com estes depoimentos, quer seja apenas uma quer sejam várias narrativas. “Ela pode revelar tanto a entrevista quanto a sua análise, desde que apenas sejam considerados os depoimentos como fontes” (MEIHY, 2000, p. 40). Neste sentido, boa parte de nosso trabalho está fundamentado sobre o viés da história oral.

Uma forma peculiar e dinâmica de comércio surgida há milhares de anos e que perdura até os dias atuais que ditam o cotidiano de grande parte de populações, especialmente de cidades pequenas, ou de centros periféricos das grandes cidades, são as Bodegas, espaços pequenos de comércio, mas que normalmente agregam muitos gêneros, desde alimentos a produtos de higiene.

Podemos apresentar conceitualmente falando em Bodega, como um pequeno armazém, ou taberna. A palavra bodega tem origem no espanhol, bodega, que significa um porão, loja ou depósito onde se vende vinho a retalho. No Brasil as bodegas são estabelecimentos comerciais, onde são vendidas refeições e bebida alcoólicas, uma espécie de taberna, muitas vezes com aspecto sujo, normalmente mal frequentado, sem muita higiene, com uma péssima apresentação para os clientes.

“O fato de a residência ser, usualmente o próprio imóvel da unidade de trabalho, favorece as relações com a freguesia, que se integra mais intimamente com a unidade comercial” (BARROS, 1989, p.56). O autor observa ainda que a tradicional bodega “é uma unidade de funcionamento apoiado na unidade familiar. Por outro lado, sua localização é, via de regra, no âmbito da morada...” (ibid, 1989, p.78).

Os pequenos comércios que tanto se propagaram nas zonas rurais e urbanas, principalmente nesta última, se fez presente no cotidiano de muitas pessoas, oferecendo gêneros que buscavam atender as necessidades básicas da população adjacente, pois era assim que esses pequenos comércios se faziam presentes na vida das pessoas, se instalavam

próximas as sua clientela, uma vez que esses pequenos comércios procuravam conhecer suas clientelas a fim oferecer aquilo que freguesia precisava. Para Diniz (2004)

Além da comercialização de produtos, algumas bodegas oferecem, ao mesmo tempo, á comunidade local, como um lugar de sociabilidade, atividade de fazer, de entretenimento, um ponto de encontro, formado por alguns elementos que garantem tal características como: mesa de bar, cadeiras, bancos, aparelho de som e TV e principalmente alcoólicas.(DINIZ, 2004, p. 153).

E por muitos anos esses estabelecimentos se fez presente, marcando seu papel importante na organização socioeconômico no município de Alagoa Nona/PB. Esses estabelecimentos propiciavam aos seus idealizadores melhorias de vida, envolvendo grande parte da família na organização e condução desse empreendimento. Foi nesse cenário que muitos estabelecimentos dessa natureza iniciaram e perduraram por muito tempo ao ponto de existirem até os dias atuais, resistindo a uma concorrência desigual, os mercadinhos e supermercados, típicos de finais do século XX.

Para Diniz (2004, p.68) os bodegueiros, geralmente são conhecidos por todos, era amistosamente solicitado nas compras nas conversas, nos favores. “Era uma figura muito importante no dia-a-dia dos moradores tanto no abastecimento de produtos básicos indispensáveis, como também na participação dos festejos populares locais”.

O bodegueiro estabelece com sua freguesia uma relação amistosa, de confiança, o fiado é uma palavra usual e indispensável, forma ímpar de comprar e vender, a caderneta é o instrumento essencial para registrar a compra realizada, e ali formalizar o compromisso de comprar e pagar. A bodega não conhece, e tão pouco reconhece o cartão de crédito, lhe é alheio, mas apenas a caderneta e, assim se matem até os dias atuais, que apesar de ter se passado muitos anos, ainda é uma forma de comprar e vender nas Bodegas, e não há como se vender apenas a vista.

É com essas características que a Bodega sobrevive até os dias de hoje, resistindo a concorrentes fortíssimos, no entanto continua desempenhando seu papel social, possibilitando aos moradores adjacentes, facilidades, pois esta se mantém estrategicamente próximas a suas clientelas, diferentemente dos supermercados que procura se instalar nos grandes centros.

A seguir apresentaremos o resultado da nossa pesquisa realizada através de entrevistas orais com os principais bodegueiros de cidade de Alagoa Nova, nessa pesquisa identificamos

através das falas dos proprietários e parentes das bodegas que suas clientelas são próximas do estabelecimento comercial, ou seja, o bodegueiro apenas vende suas mercadorias, normalmente, para pessoas conhecidas, principalmente se for fiado, pois foi constatado que é mais seguro vender para pessoas conhecidas, pois o pagamento é mais certo.

3.1 “JOÃO DA BODEGA”

Segundo a informação do nosso entrevistado Alfredo Severino de Araújo, genro do falecido no ano da instalação dessa bodega foi em 18/12/1966, o local físico foi o mesmo, apenas com algumas alterações, alguns melhoramento, como, por exemplo, mudança para um teto em PVC. O produto em destaque desde o início foi à farinha, o feijão, o peixe, o querosene, vassoura, cachaça.

Houve muitas dificuldades encontradas para a instalação do comércio, pois o mesmo morava no sítio, veio para a cidade, sendo que para instalar o comércio na cidade teve que viajar para o Rio de Janeiro para trabalhar e angariar capital necessário para iniciar o comércio, pois naquele período não tinha praticamente nenhum apoio para iniciar um empreendimento dessa natureza, diferentemente como verificado na atualidade, onde as pessoas interessadas em começar algum empreendimento contam com apoio de órgãos governamentais como o SEBRAE, mas não era o que acontecia no período abordado.

Foi verificado que o único apoio que se tinha era da própria família, como é o caso em destaque, onde a sogra apoiou a instalação do comércio. Apesar de não se ter apoio, nem nacional, regional e, tão pouco municipal, havia já uma necessidade de registrar a instalação do estabelecimento, para poder realizar as atividades inerentes às atividades, desta forma desde o início o comércio funcionou na legalidade, ou seja, houve o registro junto à prefeitura obtendo dessa forma o Alvará, documento legal para o pleno exercício da atividade, que até os dias atuais existe.

Na Bodega em questão o perfil da freguesia é diversificado, mas na sua grande maioria é da zona rural, onde estas pessoas saíam de longe, principalmente nos finais de semana para realizar suas compras na zona urbana, utilizando para isso animais, como burros e cavalos, diferentemente do que ocorre nos dias atuais, onde pessoas da zona rural saem das

suas moradias nos sítios para comprar na cidade suas feiras, utilizando como meio de transporte, não mais os animais como antes, mas carros e motos.

Sobre os artigos que eram mais vendidos na Bodega, ou o artigo que estava no auge em termos econômico no período de instalação e fixação o entrevistado nos informou que era o querosene, devido às necessidades existentes na época, pois naquele período não havia eletricidade, sendo o uso da lamparina e do lampião fator predominante nas noites, tanto da zona rural como urbana e, outros artigos mencionados pelo o mesmo foram: a farinha e a corda de agave, produtos bastante utilizado durante muito tempo na história local, pois estes produtos vaziam parte dos principais artigos da economia, por se tratar de uma cidade pequena, onde a agricultura era e, é o principal campo econômico da cidade, se cultivava muito o agave e plantava bastante mandioca para a fabricação da farinha.

Durante muito tempo esses artigos fortaleceram a economia local, o entrevistado aborda que o período de maior prosperidade foi após a implantação do real em 1994, onde a economia foi fortalecida em sua opinião. Sobre as formas de compras e vendas, diferentemente do que existe hoje em dia a utilização do cartão de crédito, do cheque, do cartão de débito, do carnê, dentre outras formas intensificou a economia, acarretando outros fatores nem tanto positivo para os comerciantes desses pequenos estabelecimentos.

Muitos bodegueiros não aderiram a esses meios de compra e venda, o que de certa forma prejudicou o andamento dos negócios, além de que os supermercados passaram a oferecer um serviço exclusivo e novo, a entrega a domicílio, onde as compras realizadas são entregues na casa dos fregueses, uma vez que as Bodegas não dispõem deste serviço, além de tantas outras características encontradas nos grandes supermercados.

A venda através do fiado acabava por enfraquecer a Bodega, pois muitas pessoas que compravam nessa modalidade não cumpriam as responsabilidades, e acabavam não pagando o que compravam, mas o entrevistado informa que o antigo dono não fazia questão com isso, pois ignorava as dívidas, ao ponto de nem contar para os familiares, a fim de estabelecer uma relação amistosa com seus clientes, pois sua clientela era todos conhecidos, ao ponto de conhecer os bens de necessidade dos mesmos e, desta forma procurava suprir as prateleiras da Bodega com artigos que a clientela precisava.

Podemos observar na imagem abaixo da referida bodega, nos dias de hoje:



Figura 01: João da Bodega – O espaço interno da bodega

É perceptível que esses espaços passaram por transformações significativas, principalmente no que se trata da questão da modernização desses espaços. Pois esses pequenos comércios foram palcos de histórias marcantes, ou no mínimo pitorescas e não diferente de outras Bodegas. Nesta aconteceu, aproximadamente no ano de 1999, uma situação em que outro comerciante, amigo do dono, no dia da inauguração da instalação do novo teto, de PVC, soltou fogos de artifícios dentro do estabelecimento, provocando um sério prejuízo o que não gerou nenhum desentendimento entre os amigos.

Outro aspecto apontado por nosso depoente foi às visitas de pessoas “ilustres” como de políticos, independentemente do partido que pertençam, visitavam a Bodega de João da Bodega, pois estes políticos sabiam a importância que este comerciante exercia na comunidade, assim, recebia visitas destas pessoas que eram muitas amigas dele.

Quando questionado quem era o maior concorrente para a Bodega no momento da instalação o mesmo informa que “era outro bodegueiro, mais popular, pois a bodega deste era maior e, este já possuía a Bodega há mais tempo”, mas com o tempo um fato veio determinar novos rumos para o destino de muitas Bodegas, pois o concorrente, conhecido como “Antônio Caboclo” foi assassinado aproximadamente no ano de 1985 e, os clientes deste se despearam, fortalecendo desta forma, muitos outros estabelecimento dessa natureza.

3.2 ANTONIO SAMPAIO BORGES - MERCEARIA SANTO ANTÔNIO

O estabelecimento, do senhor Antônio Sampaio Borges, conhecida como Merceria Santo Antônio. Segundo a informação do nosso entrevistado Seu Antônio teve seu início de atividade no ano de 1985, onde o proprietário em questão desempenhava a atividade paralela a de motorista de transporte alternativo, mas com o passar do tempo decidiu ficar exercendo apenas a atividade de bodegueiro, pois viu como mais promissor e vantajoso, já que, segundo o mesmo é uma atividade exercida na própria casa.

Para conseguir colocar este estabelecimento o mesmo teve que viajar para o Rio de Janeiro em 1969 para fins de trabalho, onde ficou até o ano de 1976, pois precisava de dinheiro para começar o negócio e, também precisava ajudar a sua mãe, já que o pai havia falecido. Quando voltou da referida cidade iniciou a atividade de bodegueiro, trazia consigo a experiência herdada do pai que tinha um bar, mas seu pai teve que fechar por motivos de saúde, mas o mesmo entende como de fundamental importância à experiência herdada do pai, pois foi através dela que o mesmo conseguiu lograr êxito nesta atividade e, o reconhecimento, ou seja, a popularidade, uma vez que o sobrenome “Borges” é conhecido na cidade.

Como é comum aos demais estabelecimentos desse tipo é presente a presença do balcão de madeira, prateleiras do mesmo material, “Balanças de Peso”, mas o mesmo aborda que no momento da instalação, até os dias atuais houve muitas modificações. Na imagem abaixo destacamos a faixa da Merceria Santo Antônio.



Figura 02: Merceria Santo Antônio – Faixada da Merceria

O balcão tomou uma roupagem diferenciada e as prateleiras foram trocadas por material de ferro e, o grande diferencial foi a implementação do Freezer, pois antes não se tinha condições econômicas para comprar um eletrodoméstico dessa natureza e, com essas modificações o comerciante em questão aponta como importante essas transformações, pois possibilitou vender mais mercadorias, como frios e outras mercadorias que necessita de conservação imediata, o que veio com isso diversificar a renda do comércio. Podemos visualizar na imagem abaixo as diversificações de produtos oferecidas pelo estabelecimento, assim como a modernização do espaço:



Figura 03: Merceria Santo Antônio – Espaço interno da Merceria

Sobre os produtos comercializados no momento da instalação até os dias atuais, o mesmo nos afirma que: “mudou pouca coisa, pois a base dos produtos do nosso estabelecimento sempre foi os cereais, tais como: o feijão, arroz, farinha de milho e, em pouca quantidade bebidas alcóolicas”.

Questionado também sobre o perfil da clientela, de onde era? E qual o perfil comercial de Alagoa Nova no período de início da bodega? O entrevistado nos informou que: “a grande maioria dos clientes era da zona rural e, que não havia redes de supermercados como se tem hoje, havia apenas pequenos comércios, as conhecidas bodegas”. Porém o fato de não existir os grandes supermercados, não implicava em desabastecimento de gêneros alimentícios para a cidade, pois as bodegas conseguiam suprir as necessidades da população.

Diferentemente dos abastecimentos dos dias atuais o nosso entrevistado nos informa que “não tinha isto, mas existia uma atividade um pouco semelhante, pessoas, conhecidas como Tropeiros, traziam produtos como farinha, cachaça e rapadura para venderem na cidade, e alguns outros produtos os comerciantes tinham que ir comprar em outras cidades, como Campina Grande/PB, a fim de repor os estoques”. O mesmo ainda nos informa que o nome popular que a rua ganhou, “Rua do Leite” foi batizada pelos Tropeiros e, outro nome peculiar aos mesmos surge devido à atividade de entregar a cachaça, cavalo-de-aguardenteiro, pois os mesmo além de entregar o produto também o consumiam.

Analisando sobre os produtos em destaques da economia de Alagoa Nova no período pesquisado, o entrevistado nos informa que: “o principal produto na economia local era a cana-de-açúcar, acompanhada do sisal”, que segundo o mesmo, foram muitas as pessoas que se empenhavam nesta atividade, ao ponto de não ficar praticamente ninguém desocupado, no período.

Esses aspectos tornava a feira local um destaque para o engrandecimento da economia da cidade, porém a mesma passa por um declínio, segundo o entrevistado “foi as alterações no calendário da feira” que provocou esse declínio, pois o mesmo informa que a feira não era aos sábados como acontece hoje em dia, mas sim aos domingos, além das falências de muitos engenhos, provocando uma verdadeira diminuição de compras e vendas dos produtos.

O bodegueiro Seu Antônio, nos alerta para os possíveis motivos do declínio dessa atividade econômica. Para ele um dos motivos centrais é que muitas pessoas estão se deslocando da zona rural para a cidade, devido, principalmente à violência, desta forma, muitos sítios ficaram abandonados o que também acarretou no enfraquecimento do comércio local e, também devido ao grande concorrente que os pequenos comércios ganharam, os supermercados, estes atraíram os fregueses que antes era das bodegas, devido, principalmente, aos preços mais baixos e variedades de produtos.

Outro fator destacado por Seu Antônio é que houve a extinção de uma linha de ônibus que interligava a cidade de Alagoa Nova a outras cidades adjacentes, tais como Areia, Remígio, Esperança, Alagoa Grande e Guarabira, esses transportes eram de fundamental importância, pois era constante o deslocamento de pessoas entre essas cidades, apesar de as estradas não serem asfaltadas, hoje apenas existe o trecho de transporte de Alagoa Nova à Campina Grande.

Questionado sobre os meios de vendas que era utilizado, o mesmo nos informa que era: o avista e o fiado, este através das cadernetas, uma vez que tem a confiança em seus clientes, visto que são normalmente pessoas vizinhas da bodega, sendo que esses clientes cumprem as responsabilidades de pagar as dívidas contraídas e, destaca que não vende a qualquer pessoa, uma vez que se a pessoa vir de outro bairro da cidade tenderá a não vender, pois entende não ser um comportamento normal, diz que se vem de outro bairro é porque não é um bom cliente, mas para dá condições de atrair bem seus clientes procura propiciar um ambiente adequado no seu estabelecimento.

Estes estabelecimentos são marcados não apenas por seu formato original, mas também por situações pitorescas, típicas destes recintos, e na bodega em questão não é diferente, pois Seu Antônio nos informou que houve uma situação desagradável em algum tempo em sua bodega da vez que um freguês que estava em seu recinto bebendo, quando da chegada de uma freguesa, em dado momento se abaixou para olhar por baixo da saia da mesma, apesar da mulher não ter visto o acontecido, isso deixou o comerciante muito aborrecido, ao ponto de expulsar o referido freguês, este ficou bravo e falou para Seu Antônio que não retornaria mais nunca em seu estabelecimento, o mesmo retrucou que seria um favor, pois disse “sujeito da sua qualidade prefiro distância”, e este freguês nunca mais voltou a frequentar a bodega do comerciante em questão, além de ter deixado de se falar.

Fazendo as uma análise estrutural do seu comércio, desde o início do estabelecimento aos dias atuais, o mesmo destaca muitas mudanças, desde a parte física até os produtos comercializados, onde aponta como principal diferencial a adesão ao frezee, balança digital, prateleiras de ferro e, com reação as mercadorias informa que antes muitos produtos eram vendidos no varejo, ou seja, qualquer produto era possível escolher a quantidade exata que queria comprar, mas agora muitas mudanças foram realizadas, pois os produtos já são comercializados em quantidades exatas, em kg, o que tornou o uso da balança quase que desnecessário.

Ainda questionando sobre a importância da bodega em sua vida, o mesmo informa que foi o seu “ganha pão”, um meio de sobrevivência eficaz, pois durante os momentos que esteve com este empreendimento não precisou trabalhar pra ninguém, que a bodega supriu as necessidades familiar, deu condições para criar 3 filhos e, que se tivesse de recomeçar faria tudo de novo, pois nunca dependeu de ninguém para sobreviver, tudo que precisou a bodega o proporcionou, ou seja, a bodega o realizou profissional e humanamente e, que pretende

continuar com o referido comércio até Deus o permitir, já que é um trabalho que o mesmo dita o ritmo da atividade, proporcionando-o ao mesmo um boa qualidade de vida e, que se depender dele a mercearia vai continuar existindo, mas o mesmo se demonstra receoso, pois diz dos 3 filhos nenhum demonstra interesse em continuar com o comércio atual, mas diz que enquanto estiver vivo vai fazer de tudo para o comércio existir.

3.3 FRANCISCO GALDINO DA SILVA (CHICO LIMA) - MERCEARIA SÃO FRANCISCO

A mercearia São Francisco que hoje fica localizada na zona urbana do município de Alagoa Nova, antes funcionava na zona rural do mesmo município, ficando funcionando nesta localidade durante o período de 5 anos, onde no ano de 1959 veio para a cidade comprando um ponto comercial já existente, ficando até o ano de 1964 neste ponto, após 10 anos de funcionamento mudou-se para outra localidade, aonde foi modificado até chegar ao formato que hoje se encontra, um comércio na parte da frente e aos fundos a sua residência.

Para conseguir iniciar esse empreendimento o Francisco Galdino nos afirma que foi necessário se empenhar muito, desde o momento que começou a trabalhar puxando agave ajudando o seu pai, mas já com o intuito de montar o seu negócio, até o momento que decidiu viajar para o Rio de Janeiro para conseguir uma renda necessária para realizar o seu sonho, ficando nesta cidade durante 1 e 6 meses, saindo com o proposito de voltar em 10 dias caso as coisas não dessem certos, como colocar seu comércio e casar com a mulher que hoje é sua esposa.

Inicialmente a bodega era formada por prateleiras de madeira e sem a presença de eletrodomésticos, como freezer para poder vender cerveja gelada como acontece na atualidade, esta bebida era consumida quente, também aponta que os produtos mais vendido eram o feijão e a farinha. Um ponto destacado pelo entrevistado diz respeito a um fator comum levantado pelos demais entrevistado, a questão da modificação no calendário da feira local que inicialmente era realizada aos domingos, mas que foi alterada para aos sábados, isso veio interferir nos negócios de muitas bodegas.

O senhor Francisco Galdino nos alerta para oportunidade que acontecia no dia da feira, pois nesse dia muitas pessoas frequentavam as bodegas, devido a grande maioria dessas pessoas saírem dos sítios para realizarem suas compras nas feiras, não deixando de ir até a bodega para comprar mercadorias que só ali encontravam, por mais que na feira tivesse determinada mercadoria, preferiam comprar na bodega por conhecer a origem do produto comprado, pois o bodegueiro tinha a credibilidade frente aos seus clientes, além de que as bodegas serviam de ponto de encontro para essas pessoas vindas de vários sítios, pois ali colocavam as conversas em dia.

Mas, com o passar do tempo muitas coisas mudaram, o nosso entrevistado nos informou que a implantação dos supermercados alterou o comportamento das pessoas, pois antes só era realizada compras nas feiras, aos domingos, mas com a implantação dos supermercados as pessoas passaram a fazerem compras em qualquer dia da semana, pois nestes locais encontram-se praticamente de tudo, ou seja, a função das feiras foi reduzida, agravado pela a falência de postos de trabalhos oriundos da produção sisal e da cana-de-açúcar.

Em relação ao perfil dos clientes do passado com os de hoje. Francisco Galdino afirma que: “houve uma grande mudança nesse aspecto, pois antes as mercadorias mesmo que fossem caras eram bem vendidas, eram constantes as vendas, e para isso se utilizava da venda através do fiado, usando pra isso a caderneta, forma peculiar de venda”, onde “Seu Chico Lima” dava em torno de 1 mês para ser quitado a dívida, e informa que dificilmente algum cliente deixava de pagar, mas com o tempo isso mudou, ao ponto de que “hoje é necessário se ter muito cuidado para não levar prejuízo, pois existem muitos que não querem pagar”. Neste sentido, ele ainda nos informou que deixou de vender muitos produtos, tais como: bacalhau, feijão, carne de charque, etc, pois segundo o depoente não tem mais freguês, já que a maioria da população só compra nos supermercados, uma vez que ali existem outras relações mais flexível de compra, como, por exemplo, o cartão de crédito, e isso segundo o mesmo tirou o destaque das bodegas.

A localização da mercearia do comerciante foi por muito tempo fundamental, pois era caminho dos engenhos, sendo desta forma ponto estratégico, ou seja, parada obrigatória de pessoas envolvidas nas atividades dos engenhos da região, muitas paravam frequentemente para beber cachaça, lanchar, além de conversar, desta forma o seu comércio era

constantemente movimentado, além desses outras pessoas era de fundamental importância para o comércio local, como os tropeiros, denominado pelo entrevistado de matutos.

Questionado sobre algum fato marcante que tenha acontecido nos espaços de sua bodega o mesmo informa que o que aconteceu de diferente foi que em alguns momentos algumas pessoas que bebiam queriam perturbar o ambiente do seu estabelecimento, desta forma o mesmo nesses momentos tinha que dá um jeito de reverter à situação e, normalmente conseguia, até hoje é respeitado pela sua postura correta e respeitosa com seus clientes. Na imagem abaixo, apresentamos a bodega Chico Lima, com destaque para diversificação dos produtos comercializados nesse estabelecimento:

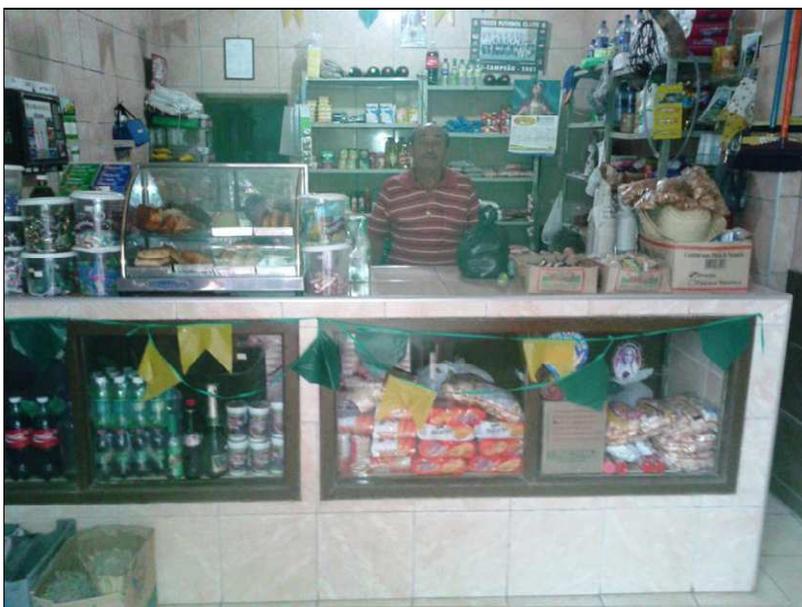


Figura 04: Bodega Chico Lima – Espaço interno da bodega

Sobre as dificuldades de manter seu negócio nos dias atuais o mesmo informa que as dificuldades são grandes, mas que procura diferenciar seu atendimento com relação aos demais estabelecimentos, principalmente da dos supermercados, isso, procurando atender as necessidades imediatas dos seus clientes, ao ponto de entender os momentos que o mesmo não dispõe de dinheiro para comprar a vista, para poder vender no fiado, coisa que no supermercado não existe, pois nesses locais a relação é distante, ou seja, a relação entre cliente e comerciante é objetiva e vazia, lá a conversa ao pé do balcão inexistente, as mercadorias não são, em nenhum momento, consumidas no próprio local como na bodega, é desta forma que Seu Chico Lima diz que consegue manter seu comércio até os dias atuais.

Sobre as mudanças da parte física e material, em relação às mudanças, o entrevistado destaca que aconteceram muitas alterações, como, por exemplo, a alteração do balcão de madeira para um em cimento e também a utilização de freezer, pois entende como fundamental, já que tem algumas mercadorias, como refrigerantes e cerveja exige a utilização desse eletrodoméstico.

A importância que a bodega representa para o mesmo significa a realização de muitas coisas, como, por exemplo, a construção de duas casa e a criação de 4 filhos e alguns netos, desta forma afirma que viveu do ganho que a mercearia proporcionava e, que esteve a frente do seu negócio com a colaboração dos familiares, colocando apenas em duas oportunidades 2 empregados, mas não passou muito tempo com os mesmos, ou seja, um negócio puramente familiar.

Por fim, Seu Chico Lima destacou também, que se tivesse que recomeçar esse empreendimento iniciado em 1959 no sítio Preguiçoso de Alagoa Nova faria tudo de novo, pois tem a bodega como uma realização pessoal e profissional, sendo suficiente, ao ponto de não precisar trabalhar para ninguém após a instalação do seu negócio, seu trabalho e vida se resume a bodega e, que esta vai continuar existindo, apesar da forte concorrência, pois entende que existe espaço para todos, tanto para o supermercado como para a bodega, mas faz uma ressalva, não tem como investir alto nesses pequenos comércios, pois a cliente foi reduzida drasticamente e, se comprar muitas mercadorias estas tende a não serem vendidas. O momento é dos supermercados, espaços das variedades, das promoções, dos encantamentos, mas a bodega tem suas características peculiar e única, capaz de mantê-la existindo por muito tempo.

3.4 A BODEGA DE ANTÔNIO CABOCLO

A bodega de Antônio Caboclo foi uma das mais conhecidas do município de Alagoa Nova, pela sua grandeza e variedades de produtos ali encontrados, inicialmente instalada no sítio Pau D'Arco que durou de 1955 a 1970, após esse período abriu uma nova bodega mais próxima da cidade, mas ainda na zona rural, durante os anos de 1970 a 1989.

No ano de 1989 a mercearia veio a fechar devido ao assassinato do dono, Antônio Caboclo aos 61 anos de idade. Segundo a sua filha Vera Lúcia Cordeiro filha do antigo dono, há uma suspeita que a morte do seu pai foi por motivos de assalto, mas que não houve nenhuma resistência e, que seu pai não tinha aparentemente nenhum inimigo e, até hoje sua morte não foi explicada, fato é que a bodega fechou em 1989, pois ninguém da família quis continuar nesse empreendimento e, a família vendeu o sítio com o estabelecimento e comprou uma casa na cidade aonde veio morar.

Em relação ao seu funcionamento a bodega vivenciou grandes momentos, já que a localização e o tamanho da mesma era espaçoso e confortável. A bodega era formada por 4 portas, 1 na lateral e 3 na frente, tendo outra porta interna que dava acesso a casa. Como o balcão nesses estabelecimentos se fez presente, mais as prateleiras de madeira, e as mais conhecidas mercadorias como farinha, peixe, feijão, carne charque, bacalhau, arroz, carne de baleia e, também materiais de construção, como foice, enxada, etc., pois informa que era grande a variedade de produtos vendidos nesse estabelecimento.

Questionamos a nossa entrevistada se houve alguma dificuldade encontrada para iniciar esse empreendimento, a mesma informa que

não, pois meu pai era muito controlado, além de que o ponto comercial ficava situado em um ponto estratégico, ou seja, próximos a muitos engenhos, desta forma a mercearia se tornava ponto de encontro, inclusive para realizar pagamento dos trabalhadores dos engenhos, isso foi muito característico do primeiro comércio, pois já na década de 80 muitos engenhos começaram a falir devido à fiscalização dos sindicatos, o que acarretou na migração de muitas pessoas para a cidade e, também começa a ser implantados mercadinhos na cidade, isso prejudicou os pequenos comércios da região, já que a maioria dos clientes eram trabalhadores dos engenhos.(PESQUISA DE CAMPO, 15/07/14)

Segundo Vera Lúcia para comprar em sua Bodega vinham gente de todos os arredores da cidade para comprar na bodega de Antônio Caboclo, apesar de localizada na zona rural, muitas pessoas saíam da zona urbana para comprar nesta bodega, visto que muitos produtos, a exemplo de Cleolina, só era encontrada ali, nem mesmo na cidade se encontrava determinado matéria e, inclusive ali também era possível comprar rádio de pilha, pois informa à entrevistada que por muito tempo este era o único local a se encontrar tal produto, isso porque o comerciante tinha meios para abastecer seu comércio, visto que tinha um meio de transporte

adequado para a região, um jipe, devido às condições das estradas, pois ele viajava para muitos municípios vizinhos, a exemplo de Alagoa Grande, Esperança, Campina Grande, etc.

Desta forma, este estabelecimento se tornava cada dia mais conhecido, pois servia até de entreposto para os tropeiros que aqui vinham 2 vezes por mês para comprar farinha, rapadura, cachaça, dentre outros produtos encontrados na região, sendo que por muitas vezes esse pessoal pernoitavam em um próprio galpão do comerciante, onde era servido o almoço e a janta, desta forma os tropeiros exerciam papel fundamental, comprando mercadorias na região e levando para vender, normalmente no sertão paraibano.

No período inicial da instalação desta bodega a entrevistada nos informa que o destaque da economia do município era a produção do sisal, pois este era um produto de baixo investimento, o que acabava atraindo muitas pessoas para esta atividade, informa que eram muitas as casas de produção do sisal, geralmente pequenos espaços, mas com o tempo, os valores dos produtos caíram drasticamente ocasionando desta forma a diminuição de produção do mesmo na região, cedendo espaço para o outro tipo de produção, a cana-de-açúcar, que por muito tempo foi destaque na economia do município de Alagoa Nova.

Alavancando o comércio local e, destaca que o auge do desenvolvimento econômico da cidade foi de 1955 a 1970, ou seja, período que coincide com a instalação da primeira bodega, após 1970 a mesma nos informa que aos poucos a economia local vai enfraquecendo, principalmente, na década de 1980, quando os engenhos começam a se desestruturar, o que prejudicou ainda mais as vendas na bodega.

Sobre as formas de compra e venda Vera Lúcia afirma que “a base das vendas era através do pagamento a vista, mas em também vendia a algumas pessoas de confianças, no fiado, visto que era preciso muito cautela a vender nesta modalidade, pois este tipo de comércio não deve se colocar em risco em nenhum momento, tendo em vista seu perfil pequeno e, de economia regrada”.

Quando vendia através do fiado utilizava-se um caderno para registrar as vendas e o nome do comprador, mas de certa forma havia a confiança nos seus clientes, pois era constate a venda no fiado, principalmente quando o cliente ia realizar alguma compra e no final não tinha o dinheiro todo, desta forma o comerciante anotava o valor restante para o cliente pagar assim que recebesse o dinheiro. Demonstrando uma confiança mútua, tanto por parte do vendedor como do comprador.

Sobre os casos pitoresco acontecidos na bodega, a entrevistada nos relatou que “uma vez havia um cliente no estabelecimento, já embriagado e, ainda bebendo mais, quando em determinado momento percebeu passar um rato próximo dele, e sem pensar muito tratou de pegar o rato, que logo em seguida foi comido pelo mesmo, utilizado como uma espécie de tira-gosto, nome popular dado aos pratos servidos nestes estabelecimentos”.

Foram cerca de 35 anos de atividades, de contribuição social e econômica, já no início de 1990 a mercearia de Antônio Caboclo não existia mais, isso devido a morte do proprietário, obrigando os familiares a venderem o sítio junto com o ponto comercial e comprarem uma casa na cidade. A entrevistada nos informou também que a concorrência se dava entre os próprios bodegueiros, quando maior fosse à bodega maior era a sua popularidade e destaque, e foi assim com a bodega de Antônio Caboclo, que também teve concorrentes, citados alguns a exemplo de João Machado, João da Bodega, Seu Domingos e Acácio, todos bodegueiros destaques no município, onde hoje desses 4 existe apenas 1, a de João Machado.

Para ela o que atrapalhou mais o desenvolvimento dos negócios foram à mudança de ponto da primeira bodega para o segundo, destacando que

o primeiro ponto era melhor, pois ficava mais próximo dos engenhos, apesar de que o segundo ponto também era muito bom, por que assim como no primeiro este ficava em um ponto estratégico, próximo a uma estrada vicinal, que interligava a cidade a outras da região, tendo como destaque uma linha de ônibus que vazia transporte de passageiros de Alagoa Nona a cidade como Areia, Alagoa Grande, Guarabira, dentre outras, este fator foi determinante para o desenvolvimento dos negócios locais. (PESQUISA DE CAMPO, 15/07/14)

A entrevistada nos informou ainda, que a bodega foi muito importante para a vida da sua família, pois foi através dela que a família pode realizar muitos sonhos e, que se tivesse de recomeçar tudo de novo o faria, apesar de ter acontecido à morte do seu pai no próprio recinto que a família trabalhou por muito tempo e, que em sua opinião esse tipo de comércio, a bodega, irá continuar existindo porque tem muitas pessoas que não gostam de comprar em supermercados, cita exemplos de conhecidos dela que relatam não gostar de comprar em grandes mercados, apenas nas bodegas, mas confirma que os supermercados são os grandes concorrentes atuais dos pequenos comércios.

No que diz respeito das mudanças ocorridas nas mercadorias vendidas nas bodegas, uma vez que praticamente não existe mais a venda de mercadorias a granel, pois as mercadorias atualmente são vendidas em quantidades já determinada, embaladas e com os valores já definidos e, também destaca a mudança do calendário das feiras, pois antes a feira era realizada aos domingos e, não aos sábados, isso ocorre aproximadamente em 1985, época em que muitos engenhos faliram, mas que aponta que outras formas positivas para a sobrevivência e fortalecimento dos pequenos comércios, a chegada da energia elétrica, pois devido a isso pode comprar freezer, onde passou a vender outros produtos como bebidas geladas, ficando funcionando até 1989, ano do assassinato do bodegueiro Antônio Caboclo.

3.5 ACÁCIO ANTÔNIO DINIZ - “A BODEGA DE SEU ACÁCIO”

Conhecida popularmente por “Bodega de Acácio”, nome advindo do comerciante, que já é falecido, esta bodega tem seu ano de instalação em 1967, período em que aos poucos esta bodega se consolida, vendendo de início produtos como feijão, milho, café, farinha, dentre outros, sendo que de início a maioria eram vendidas em quantidades definidas no momento da compra, ou seja, praticamente não se tinha produtos definidos por quilos e, outra característica marcante desse período da instalação é que os produtos eram vendidos em bolsas de papel, pouco se usava embalagens de plástico.

Outra característica marcante do período apontado pela nossa entrevistada Raimunda Camilo Diniz, esposa do bodegueiro é que na década de 60 não existiam grandes mercadinhos, o comércio basicamente era polarizado pelos pequenos comércios conhecido popularmente por bodegas. A mesma nos informou que tinha muitas bodegas espalhadas pela cidade de Alagoa Nova nesse período, mas a maioria se concentrava nos centros da cidade, das bodegas existentes da época cada procura se diferenciar de forma positiva uma da outra.

Destacamos abaixo, uma imagem que apresenta o proprietário seu Acácio em frente ao seu estabelecimento. Podemos observar que seu estabelecimento fica ao lado de sua casa, situação recorrente para quase todas as bodegas, ficarem localizadas como extensão do domicílio do proprietário.



Figura 05: A bodega de seu Acácio – O Sr. Acácio em frente ao seu estabelecimento

Um grande exemplo de algumas mudanças implementadas nesses pequenos comércios é que alguns estabelecimentos já em 1965 já tinha a seu favor a energia gerada por motor, com isso algumas se diferenciavam uma da outra, principalmente quando tinha a presença de uma grande novidade para a época, o rádio.

Segundo Dona Raimunda Camilo este fator atraía mais freguês, além do rádio, com o tempo começou a contratar cantadores de viola, destaca que foi um grande diferencial para a época, visto que a bodega ficava muito movimentada e, devido a essas mudanças a pequena bodega foi ganhando uma nova roupagem, as prateleiras, por exemplo foi dando lugar a apoios mais sofisticados, dessa forma a bodega aos poucos foi ganhando o aspecto de mercadinho, onde outras mercadorias passaram a serem vendidas, e dessa forma a concorrências das bodegas eram as próprias bodegas, pois não existia os supermercados, ou seja, se sobressaía a bodega que acompanhasse as transformações de época.

Outro caso peculiar dessa bodega aconteceu nos anos iniciais de seu funcionamento, segundo relato da nossa entrevistada outro comerciante, aparentemente com inveja, denunciou o estabelecimento por não ter registro municipal, a família soube da denúncia e imediatamente procurou registrar a bodega junto a Prefeitura Municipal, dessa forma passou a ter o alvará de funcionamento. Este ocorrido, fortaleceu ainda mais o comércio da bodega, pois a partir daquele momento passou a funcionar nos parâmetros legais, não se preocupando com isso, mas as dificuldades não forma pequenas, visto que os recursos eram limitados, não

tendo por exemplos incentivos governamentais, ou até mesmo empréstimos como se tem na atualidade, a alternativa encontrada era fazer economias para poder fortalecer o comércio, e de certa forma deu certo.

Uma das opções para atrair mais cliente era ser “frequentável” no momento da venda, uma vez que muitos clientes no momento da compra não tinham condições para pagar a compra toda, ou até mesmo não podia pagar nem uma parte do valor da compra, desta forma o comerciante disponibilizava da venda através do fiado, mas há de se destacar que não era a qualquer pessoa que era vendida no fiado, visto que para vender desta forma é necessário conhecer e confiar no cliente destaca Dona Raimunda esposa de já falecido Acácio.

Na imagem abaixo, podemos visualizar além do espaço interno da bodega do seu Acácio – a relação existente entre o comerciante e o cliente.



Figura 06: A bodega de seu Acácio – Cliente sendo “despachado”

O auge da economia local se deu na década de 1980, quando do aumento da população condicionado pelas melhorias sociais, se destacando produtos como farinha, aguardente, rapadura, sisal, dentre outros, dando mais destaque para aos produtos advindos da cana-de-açúcar e o sisal. Nesse período Dona Raimunda nos afirma que

a economia era baseada na produção dos engenhos, que segundo a mesma tinha nesse período cerca de 26 engenhos, mas quando os engenhos começam a falir e

surgir comércios maiores, os mercadinhos, já no ano de 1986, a bodega sente essas mudanças e gradativamente vai cedendo espaço para esses comércios maiores, que segundo a entrevistada foi se tornando a preferência dos clientes por possibilitar a estes adentrar o espaço e poder escolher a mercadoria que o mesmo preferisse, algo não encontrado na bodega. (PESQUISA DE CAMPO, 22/07/14).

Questionada sobre alguns casos cômicos que tenha acontecido no seu estabelecimento, à mesma informa que “só uma situação constrangedora, quando um determinado dia quando meu esposo estava ausente e eu estava na companhia da minha afilhada e um determinado homem fez algumas insinuações, perguntando se poderia entrar para beber”, ela entendeu pela maneira dele falar que foi uma cantada, mas ela o ignorou e não falou para o seu esposo a fim de evitar problemas, mas ademais durante os 27 anos de funcionamento tudo aconteceu dentro dos padrões e, na verdade só fechou o comércio porque entrou para o mundo da política em 1994.

Para ela essa decisão interferiu nos negócios da família, mas na verdade ela e o esposo gostaram de comercializar e, se tivesse de recomeçar tudo o faria e só não faz porque os filhos não permitem, pois para ela o comércio foi uma realização familiar, pois possibilitou a criação dos cinco filhos e, o que acabou com o tempo influenciando alguns filhos para o ramo, visto que tem dois que são comerciantes na atualidade.

Segundo Dona Raimunda “o comércio é o melhor meio de vida do homem, mas é preciso saber administrar, é preciso gastar do que ganha”, pois as dificuldades são muitas, mas depende da maneira de como se comercializa, pois apesar das disparidades entre as pequenas bodegas dos supermercados, é que nestes espaços, apesar de muitas vantagens encontradas aqui, a exemplo das diversidades de mercadorias encontradas e das várias possibilidades de compra, como uso de cartão de crédito, aquele tem um diferencial não encontrado nos supermercados, como a forma de atendimento, pois ali a conversa ao “pé” do balcão existe, é uma relação mais próxima, amigável, afirma.

A entrevistada ainda nos afirma que “apesar das mais variadas mudanças acontecidas na economia desde o momento que iniciou o comércio em 1967, não percebi muitas mudanças no modelo das bodegas”, segundo a mesma a bodega resistiu ao tempo, o que mudou mais, completa, é que o concorrente alterou, deixou de ser as demais bodegas, agora os concorrentes são supermercados e, finaliza afirmando que esses pequenos comércios no formato da bodega irá acabar com o tempo, pois não resistirá a essa pesada concorrência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos motivos encontrados como se pode ver na presente monografia diz respeito ao crescente desenvolvimento das redes de supermercados, que aos poucos foi tomando conta de muitas cidades, a exemplo de Alagoa Nova, oferecendo grande concorrência às bodegas e, outro fator importante para o grande declínio que as bodegas sofreram foi à falência de muitos engenhos aos redores de Alagoa Nova, pois a renda gerada por esses engenhos de cana-de-açúcar movimentava a economia da cidade e, principalmente das bodegas.

Fazendo um comparativo entre as cinco bodegas pesquisadas para elaboração deste trabalho, ficou claro que as mesmas possuíam, e até possui, as que ainda estão na ativa, muitos elementos em comuns, partindo da parte física até ao perfil de suas clientelas, visto que estes espaços fazem parte de um espaço urbano bem delimitado e conhecido, os espaços mais periféricos da cidade, uma vez que é ali que estes espaços encontram mais força pra se instalar e fixar seus laços sociais e econômicos.

Identificamos que estas instalações de modo geral possuem estruturalmente semelhanças, como a sempre presença do balcão e das prateleiras, que serviam como apoio necessário dos produtos comercializados nestes recintos. Além dos próprios artigos que eram vendidos, uma vez que todos de forma geral mencionaram praticamente os mesmos produtos encontrados em suas Bodegas, o que diferenciava era a presença em alguns estabelecimentos de produtos escassos no período e na região. Percebemos que estes recintos comerciais possuem mais pontos em comum do que diferenças, pois eram pontos estratégicos para conversar sobre os mais diversos assuntos efervescentes do período como política, economia e casos do cotidiano da população de Alagoa Grande.

Por esses, e outros motivos que encontrados nesta pesquisa, é que nos motivou a realização deste trabalho, entendemos que o mesmo é muito importante para a manutenção e preservação da história desse município. Entendemos que o nosso estudo é de grande relevância para outras pesquisas de estudiosos do tema, ademais o estudo contribui também, para que as futuras gerações da cidade de Alagoa Nova – PB valorizem a vivencia no campo.

Podemos concluir que a bodega constitui um objeto comercial que contribui significativamente na produção sócio espacial regional. Embora se apresente como um comércio de dimensões humildemente reduzidas, de economia de pequena escala, sem grande expressão no quadro das atividades amplamente desenvolvidas atualmente nas grandes cidades.

Reconhecemos, contudo o valioso papel exercido por este autêntico e dinâmico comércio nordestino no espaço regional, sendo também um objeto co-definidor deste vasto espaço, que ao longo dos séculos agregou profundas transformações, mas que, por força das próprias condições sociais e econômicas de sua população, fez permanecer nestes pequenos e dinâmicos objetos comerciais.

Por fim, acreditamos que esse estudo possibilita contribuir para o conhecimento deste pequeno comércio no contexto regional, assim como, conferir a sua importância na estrutura comercial das cidades da região nordestina, a fim de que ele não seja negligenciado pelas políticas urbanas.

REFERÊNCIA

ANDRADE, M.C. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 6. Ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1998, 305 p.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região**: tramas político-econômicas (1880 -1925). Campina Grande: EDUFPG, 2006.

BARROS, Nilson Cortez Crócia de. **O pequeno comércio do interior do Nordeste do Brasil**: estudo sobre o comércio ambulante na cidade de Campina Grande. 1987, 364f. Tese de Doutorado em Geografia – Universidade de São Paulo

CARLOS, Ana Fani. **A Cidade**: uma perspectiva histórica. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.56-66. (Coleção repensando a geografia).

DINIZ, Lincoln da. **As bodegas da cidade de Campina Grande**: objetos de permanência e transformação do pequeno comércio no bairro de José Pinheiro. Dissertação de Mestrado em Geografia: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**: Conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 3ªed. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Júlio César Melo de. **Campina Grande a cidade se consolida no século XX**. Monografia apresentada ao Curso de Geografia, UFPB: João Pessoa, 2007.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **A “modernização” da cidade rural**: espaços de rupturas e permanências da cidade de Alagoa Nova – PB (1920 -1960). Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), 2012.

SILVA, Valdir Martins da. **Caminhos dos Engenhos**: Atrativos Turísticos como recurso de sustentabilidade para o Município de Alagoa Nova-PB. Campina Grande, 2013.